

## Inteligência artificial: pode uma máquina ser inteligente?

Paulo Faitanin - UFF



ID

**1. Contexto:** Quando Isaac Asimov (1920-1992) em seu livro *Eu, Robô* de 1950 (1a. edição. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004), estabeleceu as três leis que dirigem o comportamento dos robôs, talvez, não imaginasse que sua história de ficção pudesse inspirar filmes e pesquisas de ciência futurista. Em síntese, o ponto de partida de Asimov era a suposição de que as máquinas se tornassem *inteligentes e livres*.

**2. Questão:** O matemático Frank J. Tipler com a sua obra *The Physics of Immortality*, de 1994 (*A Física da Imortalidade*. Lisboa: Editorial Bizancio, 2003) no segundo capítulo que trata do último limite da viagem espacial, lança a seguinte pergunta: pode uma máquina ser inteligente? (pp. 20-44 da 1a. edição em inglês). A questão de fundo é ainda a de Asimov, mas agora analisada com o auspício da matemática e da informática: *a inteligência artificial das máquinas é capaz, de superar, em velocidade e precisão, a humana?* Cálculos de quantos *bits* seriam necessários para que uma máquina operasse com velocidade e precisão os mesmos raciocínios humanos, constituíram a base da argumentação. Lançando mão das informações de sua época (ano de 1994) supôs que já em 2002, a máquina, por sua operação, seria mais precisa e veloz que a inteligência humana no processamento de uma mesma informação. De fato, agora em 2007, alguns computadores processam várias informações, ao mesmo tempo, de modo mais veloz e preciso que a mente humana poderia fazê-lo. Se fôssemos definir a inteligência humana por sua velocidade e precisão seria mais adequado dizer que as máquinas, por direito, seriam inteligentes... e nós? Parece que a questão de fundo não é a *velocidade* nem a *precisão*, mas a da autonomia da inteligência humana. O que faz a inteligência humana inalcançável? O que impossibilita que o homem consiga produzir uma máquina que se iguale ou supere sua natureza intelectual? Quanto tempo será necessário para que um computador seja absolutamente independente do ser humano? E por que não de tornar-se pessoa? As literaturas acadêmicas e científicas não imaginam que demorará muito para isso. Recentemente o filme *Matrix* tratou disso. No fundo, a questão é a da liberdade. Poderia a máquina ser livre? Exercer a liberdade como o homem? Dentre as muitas questões que surgem, parecem pertinentes para a análise do proposto que nos atinemos a

essas: *pode uma máquina ser inteligente?* Se a resposta for negativa, segue-se a seguinte pergunta: *em que sentido pode ser dita inteligente?* Se a resposta for afirmativa, segue-se esta outra: *poderia ser livre?* Se a resposta for negativa, então só equivocadamente poderia ser denominada inteligente; mas se for sim, então nada impediria que a denominássemos também *pessoa*. Partindo do suposto de que em nossos dias uma máquina processa qualquer informação com maior velocidade e precisão do que a inteligência humana alguns literatos de ficção científica e inclusive cientistas, crêem que é questão de tempo para que as máquinas adquiram *liberdade*. Neste caso, a liberdade é algo ganho, adquirido, não natural, como nos homens. Isso já seria suficiente para demarcar a fronteira entre o humano e a máquina: os robôs jamais serão, por natureza, livres. Em todo caso ficou claro que o que define a natureza da inteligência humana não é a velocidade e a precisão com que processa informações. Restam-nos as idéias de *liberdade* e do modo como a inteligência processa suas informações: a *abstração*. *Será que é a liberdade que define a natureza da inteligência humana? As máquinas abstraem? E se um computador abstraísse e se tornasse livre? Seria pessoa? O que nos restaria?*

**3. Análise:** Salienta Mondin que o homem distingue-se dos animais e dos robôs porque não se contenta em registrar experiências sensíveis, dados e informações; ele levanta questões, agita as mentes, propõe problemas, formula perguntas... sabe que sabe e sabe o que ainda não sabe (*Quem é Deus? Elementos de teologia filosófica*. Tradução José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 1997, p. 8). A pessoa é ser em si (substância), para o outro (relação) e com o outro (social). A máquina é ser por outro (produzido) e pelo outro (instrumento). Em filosofia, a pessoa é uma substância de natureza racional, ou seja, um ser em si, cuja natureza racional é autônoma (livre), capaz de entender, querer e amar. Chegamos ao ponto central de nossa exposição: *o amor é a máxima expressão do ser pessoal*. O amor é o que melhor manifesta o mais íntimo do ser humano, sua intimidade pessoal inatingível por nenhuma outra criatura *apessoal*, como uma máquina. Pode-se justamente definir a pessoa como *ser de amor*. Concluindo, a máquina pode e superará a capacidade intelectual humana com relação à quantidade de conteúdo e velocidade de processamento do mesmo, mas jamais será capaz de entender por abstração, processo autêntico e originariamente humano, pelo qual apreende a realidade, concebe sua idéia, julga relacionando as idéias entre si, na medida em que raciocina. Igualmente não poderá jamais amar incondicional e livremente, seja porque a máquina não é inteligência, seja porque não tem vontade, seja porque não pode amar. Por tudo isso, ainda que a literatura de ficção científica e mesmo algumas experiências com robótica concebiam o robô como pessoa, só o poderão fazê-



lo de modo equívoco, metafórico e nunca adequada e propriamente, justo porque a máquina carece daquilo que determina um ser pessoal como tal: *entender, sentir, querer e amar.*